

A VIDA DE SÃO LUÍS IX COMO AUXÍLIO PARA UMA ALMA SUJEITA AO APOSTOLADO

Lúcio Antonio Brandão de Oliveira¹

Dr. Pe. Carlito Bernardes²

RESUMO

A caminhada com Cristo não se resume em sentimentos, mas em uma decisão que deve ser renovada diariamente. Assim como Ele subiu ao Calvário, São Luís IX abraçou sua cruz e diariamente se fez morrer para que o Espírito Santo o renovasse. A vida de oração custa e custa muito, as atividades apostólicas que dela decorrem, incomodam, as vezes decepcionam, podem se tornar cansativas, desgastantes, mas quando se faz e se vive unicamente para unir-se de forma mais íntima à Jesus, tudo se aceita no amor da Cruz.

Palavras chaves: Cristo, São Luís IX, Cruz, Oração, Apostolado.

ABSTRACT

The walk with Christ is not limited to feelings, but to a decision that must be renewed daily. Just as He ascended Calvary, Saint Louis IX embraced his cross and daily let himself die so that the Holy Spirit might renew him. The life of prayer costs and costs a lot, the apostolic activities that flow from it are uncomfortable, sometimes disappointing, and can become tiring and exhausting. But when it is practiced and lived solely to unite himself more intimately with Jesus, everything is accepted in the love of the Cross.

Keywords: Christ, Saint Louis IX, Cross, Prayer, Apostolate.

INTRODUÇÃO

¹ Orientando de TCC do curso de bacharelado de Teologia da FACA.

² Orientador de TCC do curso de bacharelado de Teologia da FACA.

Os exercícios espirituais são mal compreendidos, adaptados, a fim de muitas vezes abrandar a consciência relaxada. Certo de que devem sofrer alterações no decorrer da vida para se adequarem as diversas fases, não devem ser deixados de lado. Antes, devem buscar um maior aprofundamento e uma maior intimidade com o Senhor, independente do tempo empregado. Qual seria então a oração mais adequada? Qual a mais eficaz? Como se deve rezar? Perguntas estas que suas respostas são personalizadas, adaptadas. A cada pessoa, a cada estilo de vida, a cada vocação, uma forma de oração, uma maneira diferente de rezar, uma quantidade maior ou menor para determinados momentos da vida. Entretanto, algo fica claro: é necessário tornar a vida uma completa oração, como uma chama de amor ardente que não se apaga e acompanhado dela, devem vir as diversas formas de apostolado. São Luís IX poderá auxiliar aqueles que buscam amar mais o Cristo, santificando assim todos os momentos do dia, mostrando que para isso acontecer, sacrifícios são necessários já que a vida de oração não se resume na quantidade de palavras, de preces realizadas, mas no amor colocado em cada exercício e que com o passar do tempo vai se multiplicando, pois a alma anseia por Deus e quer estar ao Seu lado a todo instante.

A presente pesquisa foi realizada com o intuito de dar um alento a tantos que começam uma caminhada mais próxima do Senhor, mas não se preparam devidamente e assim, se colocam em grande risco. Depois de poder analisar a situação de incontáveis membros de pastorais, de pessoas que se doam em encontros, pessoas que tem boa disposição nas coisas de Deus, com boa intenção, mas com uma formação espiritual muito precária, a motivação surgiu há bastante tempo quando foi iniciada em minha vida a disposição para tentar ajudar o maior número de pessoas a terem um compromisso mais firme com o Senhor, conhecendo-O e assim amando-O cada vez mais, sem antes descuidar do principal, o meu relacionamento íntimo com Cristo diariamente.

Se o homem soubesse o poder da oração, o quanto ela clareia a mente, fortalece a fé, aprofunda o amor, purifica as intenções, ele viveria rezando e rezaria vivendo. Dizia Mons. Favier, bispo de Pequim: "Quero trapistas neste vicariato, será grande o auxílio prestado aos missionários por um fervoroso mosteiro de contemplativos. E mais tarde: conseguimos penetrar numa região até hoje inacessível. Atribuo este fato aos nossos

queridos trapistas” (CHAUTARD, 2015, p. 29). É preciso cessar as desculpas e iniciar a obra de toda uma vida.

SÃO LUÍS IX

A vida de São Luís IX é como um farol no meio da escuridão, pois ele se entregou de tal modo à vontade de Deus que se poderia dizer que é: “o relato não da vida de um homem, mas do que Deus pode fazer a um homem quando este atende com determinação ao Seu chamado” (LANCASTER, 2019, p. 31).

O homem tem sede de Deus, por isso Santo Agostinho dizia: “Fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti” (AGOSTINHO, 1984, p. 15). A cada ano o mundo se desenvolve, alcança novas marcas que anos atrás pareciam impossíveis de serem atingidas, em contrapartida nunca se viu tanta gente destituída de valores. Na mesma proporção que a ciência evolui parece ser possível constatar no meio, uma humanidade desprovida de inteligência, e a perspectiva a longo prazo é desanimadora. Tudo isso se dá pelo simples fato de que em um determinado momento a sociedade escolheu colocar Deus de lado: das famílias, do trabalho, da educação, do país e a consequência disso se percebe nos absurdos cometidos pelo homem: na destruição da família em diversas formas, na destruição do ser natural, na dessacralização, na perda de valores norteadores da humanidade, etc.

Percebe-se ao analisar a trajetória deste santo, a influência positiva que uma vida de oração pode exercer não só na história do homem, mas na sociedade ao seu redor. Por este motivo, neste capítulo serão mencionados alguns pontos relacionados a oração e que no próximo capítulo serão discutidos de forma mais aprofundada, já que a vida de um santo se baseia muito, não exclusivamente, mas em grande parte na sua comunhão íntima com Jesus.

No caso do rei São Luís IX, foi capaz de influenciar toda uma nação no momento que encontrou sua razão de viver. O Cardeal Arcebispo de Barcelona, Narciso Jubany, disse na época que “é necessário que todos nós aprendamos a viver como monges na cidade, onde a oração é a adesão e não pequenos projetos” (BALLESTER, 1993, p. 7).

São Luís não era um simples homem, foi sim um dos grandes monarcas que a sociedade já testemunhou, mas era um homem simples, pois tinha descoberto a beleza

de uma vida totalmente entregue à Cristo ao ponto de sair nas ruas para servir os enfermos, de convidar os pobres para jantar em seu palácio, de passar horas em oração para daí receber as forças necessárias para a administração do reino, e assim foi capaz de direcionar seu filho certa vez, ao ponto de dizer: “Se o Senhor permitir que lhe venha alguma tribulação, deve suportá-la com mansidão, de bom grado e com paciência, sabendo que Deus tudo o tornará para o seu próprio bem” (LANCASTER, 2019, p. 427), pois já bem sabia que o caminho da felicidade é Cristo e o caminho de Cristo é a Cruz. “A alma verdadeiramente interior abandona-se à vontade de Deus, aceita, com inalterável paciência, tanto as coisas agradáveis como as penosas, e chega a mostrar-se alegre no meio das aflições, feliz por carregar a sua cruz” (CHAUTARD, 2015, p. 37), como também a serva de Deus Chiara Corbella Petrillo testemunha: “o Senhor está me dando uma cruz, eu devo tomá-la, porque nessa cruz vou descobrir alguma coisa que o Senhor quer me dizer” (TROISI, 2018, p. 73).

Luís nasceu em 1214, quinto de treze filhos, entrou na Glória Eterna em 1270. Casou-se com Margarida da Provença com quem teve onze filhos. Governou a França por 43 anos. Foi santo por toda uma vida. Sabe-se ao certo que a santidade não é trabalho de um dia, mas esforço diário apoiado na Graça de Deus de forma ininterrupta. São Luís soube aproveitar bem cada oportunidade de crescimento na vida espiritual, principalmente ao abraçar o prêmio que Cristo concede àqueles que O buscam de forma mais decidida: a Cruz, como bem retrata São João da Cruz:

Deus envia estas tempestades e sofrimentos aos que depois ele quer passar para a outra noite, a fim de que, assim castigados e esbofeteados, se vão exercitando, dispondo e curtindo os sentidos e potências para a união com a sabedoria. Porque se a alma não é tentada, exercitada e provada com sofrimentos e tentações, não pode despertar seu sentido para a sabedoria (BALLESTER, 1993, p. 87).

Sendo pai de tantos filhos, rei de uma nação no porte de uma França em seu período áureo, não só no campo espiritual, como também no armamentista e na política, se pode pensar que alguma área da sua vida, seja na oração, no apostolado, no cuidado familiar ou no serviço como monarca, sofreu com a falta de cuidado. Porém, se engana, já que ele mostrou com sua vida que é possível fazer tudo bem feito, se bem ordenado,

apoiado e direcionado à Cristo como fonte de sua existência, como já dizia Santa Teresa D'Ávila: uma “forte e inquebrantável determinação” (AVILA, 2018, p. 131):

Fundamentando o apostolado em sua vida mística elevadíssima, São Luís tomou de assalto a missão de transmitir aos outros, à sua família, ao seu círculo íntimo, aos seus súditos e a todos os que Deus pusesse em seu caminho, a voz de Cristo que falava no íntimo de seu coração. Ao mesmo tempo em que era um místico, um contemplativo verdadeiro, asceta, penitente, homem de devoção e caridade unido ao Crucificado, um franciscano secular, alguém que já alcançou a santidade, Luís IX será o maior dos reis, respeitado e reverenciado em toda a Europa, árbitro da Cristandade, pai e marido exemplar, dedicado inteiramente à esposa, aos filhos, aos súditos a todos os cristãos (LANCASTER, 2019, p. 319).

Luís direcionou sua vida para o Eterno, vivia além deste mundo, como diz o Salmo 73: “Afora vós, o que há para mim no céu? Se vos possuo, nada mais me atrai na terra”. Todas as suas escolhas eram voltadas para a maior glória de Deus.

Com a esposa viverá um casamento santo; aos filhos educará para o céu; com os irmãos terá uma relação de constante amor e paciência; dos amigos será companheiro fiel e sempre canal da graça de Deus. Sempre alegre, sempre próximo, sempre humanamente tocável e afável, São Luís será para todos eles um pai espiritual que despertava para a vida alegre da graça, do amor de Deus, da santidade (LANCASTER, 2019, p. 323).

“Conta-se que São Luís não tomava nenhuma decisão importante no governo da França sem antes consultar Santo Tomás de Aquino” (LANCASTER, 2019, p. 263). Percebe-se na vida deste santo que a grandeza de um homem não está nas suas posses e que acompanhado de boas e santas influências que o orientam ao Senhor, o caminho traçado independente das diversidades encontradas, será sempre mais plano. “São Boaventura era constantemente convidado por São Luís para pregar diante dele, de sua família e de seus íntimos” (LANCASTER, 2019, p. 264).

Enquanto o homem não perceber que a vida só vale a pena ser vivida se for gastada aos pés do Verdadeiro Deus, ele poderá continuar alcançando grandes marcas nesta terra, mas com a enorme possibilidade de perder sua paz interior e conseqüentemente sua alma e trazer danos àqueles ao seu redor, estando então sempre inquieto. Diz Guilherme de Saint-Pathus sobre Luís IX: “desde cedo, era tão dado à oração, ao recolhimento, aos sacramentos e aos atos de virtude, aprendeu o valor da

santificação mediante pequenas obras do dia a dia e a importância de viver ininterruptamente sob o olhar de Deus” (LANCASTER, 2019, p. 115).

Os biógrafos de São Luís reconhecem que ele só foi este santo pois a sua volta teve Branca de Castela como mãe. Ela que apesar de todas as responsabilidades nunca direcionou a educação dos filhos para uma terceira pessoa, sendo coroada com dois filhos canonizados pela Igreja. Foi a grande mentora de São Luís IX, não apenas no governo ou na formação social, mas principalmente a que plantou virtudes e o ensinou a buscar Cristo em primeiro lugar, ao ponto de com doze anos, ser coroado rei, mas precisar fugir pois já gerava incômodo nos infames do reino. “O traço mais importante de Branca de Castela seria a que ela legaria com perfeição ao primogênito: uma devoção profunda e fervorosa, uma fé católica inquebrantável” (LANCASTER, 2019, p. 105).

Durante sua vida passou pelo vale tenebroso que é capaz de derrubar a muitos, capaz de destruir e desorientar bons propósitos, mas que pode ser também momento de purificação, fortalecimento da fé, de despojamento e de confiança em Deus, “o Senhor te conduziu durante esses quarenta anos no deserto, para humilhar-te e provar-te, e para conhecer os sentimentos de teu coração” (Dt 8, 2), se antes o coração for indiviso, pertencer totalmente a Ele, se apoiar constantemente na Graça. Sendo assim, enfrentou a perda da mãe, do irmão, de três dos seus onze filhos, os sofrimentos da Cruzada, o cativeiro humilhante sob os infiéis, a derrota no Egito, as doenças que o perseguiram, os pecados dos súditos e a aparência da ausência de Deus em sua vida, e apesar disso foi capaz de proclamar “doente e à beira da morte em 1244: ‘Deem-me a cruz’” (LANCASTER, 2019, p. 427). Esta foi a conversão dentro de sua conversão, foi a mudança de chave em sua vida. “Já subira elevados degraus da escada da perfeição e tinha plena consciência de que as exigências da santidade não coadunam com uma vida cheia de sucessos e sem sofrimento” (LANCASTER, 2019, p. 423).

Mas tudo isso lhe custou muito. “Aqueles que rezam, dizia Donoso Cortés, fazem mais pelo mundo do que aqueles que combatem, e se o mundo está cada vez pior, é porque há mais batalhas que orações” (CHAUTARD, 2015, p. 27). A vida voltada ao Senhor não foi algo claro de início e mesmo após começado, várias dúvidas surgiram. Alguns que gostam de atrapalhar, como um ditado alemão diz: “se podemos complicar, por que ajudar?”, começaram a questionar o tempo que Luís gastava em oração.

No meio dos seus desertos, os solitários da Tebaida tinham, muitas vezes, no coração o mesmo fogo que animava São Francisco Xavier. Pareciam, diz Santo Agostinho, ter abandonado o mundo mais do que seria razoável. Contudo, as suas orações, tornadas mais puras por esse grande afastamento do mundo, eram de uma eficácia incomparável para esse mesmo mundo que eles tinham abandonado (CHAUTARD, 2015, p. 27).

“São Luís era de fato um rei e leigo com tendências pessoais para a vida religiosa. E não só tendências, mas vontade de segui-la” (LANCASTER, 2019, p. 314). Tudo fica claro depois de se notar a influência religiosa que sua mãe desempenhou em sua vida, mas um encontro com uma pessoa se destaca no meio dessa jornada, mais precisamente com Hugo de Digne, frade franciscano que lhe ensinou: “como ele devia se guiar de acordo com a felicidade de seu povo; que faça tanta justiça ao seu povo que assim conservem o amor de Deus” (LANCASTER, 2019, p. 317). A partir de então ele percebeu que o governo deveria ser a base da justiça e caridade a Deus, para cuidar da Igreja e salvar as almas. E foi ao lado de sua amadíssima esposa que conduziu não só a França, mas toda uma cristandade para um encontro mais profundo com Cristo, “depois da morte de Branca de Castela, Margarida assumiu com perfeição os deveres de rainha, passou a ser a senhora da corte de Paris com todos os seus atributos e sem concorrência, tornou-se de fato a rainha da França” (LANCASTER, 2019, p. 324).

A santidade também é para os casados como mostra o matrimônio de Luís e Margarida. Ambos compartilhavam de uma vida devota de oração, cheia de virtudes e até na relação sexual faziam questão de apontar para o Divino, “o casal se absteve de relações carnis durante todo o advento e toda a quaresma” (LANCASTER, 2019, p. 325), “o jovem casal não teve relações sexuais durante as três primeiras noites após o casamento em cumprimento às ‘noites de Tobias’” (LANCASTER, 2019, p. 328). Grande exemplo para uma sociedade hoje enxarcada de prazeres desordenados e funestos, onde o amor é banalizado e o matrimônio é perseguido.

De pais santos apoiados na Graça de Deus, filhos virtuosos virão, “o piedoso pai era muito católico na instrução e no governo dos filhos, à noite, após o jantar, toda a família cantava solenemente as Completas e entoava em alta voz um cântico especial à Santíssima Virgem” (LANCASTER, 2019, p. 331). Era desejo de Luís que seus filhos fizessem parte das ordens religiosas e que se portassem como servidores do Verdadeiro Rei, ao ponto de que na sexta-feira, ninguém utilizasse adornos na cabeça em respeito à

Sagrada Coroa de Espinhos; e foi por ela que Luís empenhou uma grande fortuna de ouro para que a relíquia de Cristo não caísse nas mãos dos bizantinos, “realizou o pagamento do penhor, enviando emissários para Constantinopla para que buscassem a Coroa de Espinhos” (LANCASTER, 2019, p. 240).

Diante de uma vida forjada na dor, na privação, na doação total de si, no desprezo dos bens terrenos, no cuidado aos mais necessitados, no zelo apostólico com todos aqueles que passassem sob sua supervisão no reino, tudo em prol do verdadeiro Amor, São Luís morreu como viveu nesta terra, despojado de tudo e revestido pelo Todo, como retrata seu amigo Geoffroy de Beaulieu:

Se a força da tristeza puder dar lugar à razão, devemos nos alegrar ao invés de sofrer, tanto pela maneira tão cristã de sua morte, quanto por causa da sólida esperança que, pela sua vida gloriosa e sagradas realizações, ele ser agora levado das preocupações do reino temporal para a alegre corte do reino celestial, onde reinando para sempre com os eleitos de Deus, ele desfruta de abençoado descanso sem fim (LANCASTER, 2019, p. 453).

Às 15h de 25 de agosto de 1270, São Luís teve a audiência mais importante da sua carreira como rei e ela se deu com o Rei que superava em tudo as melhores qualidades. Suspirava então pela última vez durante a oitava cruzada dizendo como o próprio Cristo: “Pai, em tuas mãos entrego meu espírito” (LANCASTER, 2019, p. 450).

ORAÇÃO

Deus suscitou através das gerações, principalmente após a plenitude da revelação em seu Filho Jesus, diversas formas para “alcançá-Lo”, dentre elas está a Teologia, visto que seu “objeto é a Verdade, o Deus vivo e o seu desígnio de salvação revelado em Jesus Cristo” (Donum Veritatis, n. 8), que é tida “como a ciência da fé, a ‘fé busca compreender, fides quaerens intellectum’, ela tem uma dimensão racional. A teologia se esforça para compreender o que a Igreja crê” (Comissão Teológica Internacional, n. 19). Chega a parecer prepotência do homem, definir uma área de estudo para compreender Deus, como dizia o Frei Stanislau: “a ciência sobre Deus” (NAPIÓRKOWSKI, 2009, p. 9), cujo “objeto principal de interesse deve ser a pessoa de Jesus Cristo crucificado e ressuscitado” (NAPIÓRKOWSKI, 2009, p. 14), ou como dizia Chiara Luce Badano: encontrar “Jesus crucificado e abandonado” (CORIASCO, 2013, p. 44).

A Teologia possui diversas ramificações, cada uma envolvendo uma área específica da Vida Espiritual, entre elas consta a Teologia Ascética e Mística. Esta, tem várias denominações podendo ser definida como a “ciência dos santos ou ciência espiritual ou a arte da perfeição. O nome da Ascética designa à parte da ciência espiritual que trata dos primeiros graus de perfeição até o limiar da contemplação, e o nome de Mística à que se ocupa da contemplação e da via unitiva” (TANQUEREY, 2017, p. 38), “desde a primeira noite dos sentidos e da quietude até o matrimônio espiritual” (TANQUEREY, 2017, p. 41), ponto esse que São João da Cruz percorreu de forma belíssima com a graça do Espírito Santo ao dizer: “a alma conta como saiu do amor próprio e do amor de todas as coisas. Como morreu mediante verdadeira mortificação a tudo e a si mesma, para chegar a viver vida de amor doce e saborosa com Deus” (BALLESTER, 1993, p. 35).

Esta forma de se doar depende muito do nível de abertura do coração do homem ao se encontrar com o amor. Quanto mais se abre para que a divina providência ocupe seu viver, mais se transforma naquilo em que deposita a confiança. “Mas antes de alcançar e praticar o mais alto nível da vida interior é necessário saber resistir às tentações e evitar o pecado, com isso se tem a ajuda da moral, cuja finalidade visa explicar os preceitos que devemos praticar para adquirir a vida divina” (TANQUEREY, 2017, p. 40). Para se santificar, o homem está obrigado a estudar a ciência dos santos, independente se esse é um sacerdote ou um leigo, podendo se deixar ser guiado por outrem que deve tender sempre à perfeição no mais alto nível. Muitas almas ao iniciarem um caminho de perfeição, se deixam ser influenciadas pelas ações do mundo, pelo desânimo, pela falta de profundidade espiritual e pelos ataques do demônio³. Para lutarem contra estes problemas, Lorenzo Scupoli deixa quatro remédios eficazes: “a desconfiança de ti mesma, a confiança em Deus, o exercício e a oração” (2019, p. 16).

Em se tratando da vida de oração do católico, principalmente daquele que se dá à evangelização, e dos vários ataques a que está suscetível a fim de depreciá-la, a vida de São Luís IX durante o seu reinado na França serve como modelo à todos aqueles que se dedicam ao apostolado. O Catecismo explica oração como sendo “a elevação da alma a

³ Este nome foi deixado sem as devidas correções ortográficas de propósito, pois não merece qualquer zelo em seu favor.

Deus ou o pedido a Deus dos bens convenientes” (CIC, 2000, nº 2559). Pode ser entendida como a adequação da alma à vontade do Senhor, preparando-a para aceitar o que Ele enviar, gerando no ser, uma transformação: “a oração de fé não consiste apenas em dizer Senhor, Senhor, mas em levar o coração a fazer a vontade do Pai” (CIC, nº 2611).

Luís mostra que a escolha não deve ser feita entre agir ou rezar, entre amar ou estudar, já que sua vida testemunha que o caminho para viver e rezar bem está no “grau supremo de oração, chamada oração de simplicidade, ‘na qual a intuição substitui em grande parte os raciocínios, e os afetos e as resoluções são menos variadas e se traduzem em poucas palavras” (TROCHU, 2018, p. 284).

Tendo em vista que o homem hoje tem se entregado às diversas atividades e com isso tem deixado a oração de lado, a história deste rei serve como uma luva para sacudir a letargia que envolve principalmente o cristão. O mundo tem exigido em primeiro lugar a preocupação com as coisas terrenas e conseqüentemente o deixar de lado a vida espiritual. São Josemaría Escrivá mostra que é perfeitamente possível conciliar vida profissional, familiar e espiritual, dizendo: “Queres de verdade ser santo? Cumpre o pequeno dever de cada momento; faz o que deves e está no que fazes” (ESCRIVÁ, 2015, n. 815). Feito isso, ou aprenderá a santificar todo o seu dia, ou se afastará e viverá uma fé tão miserável que seria melhor não a ter conhecido. E São Luís mudou quando a Graça chegou em sua vida, ele passou por uma

reviravolta, uma ruptura mesmo, na vida dele, antes e depois da cruzada. Em 1244 veio a doença que o abateu a ponto de em determinado momento julgarem-no morto. Quando recuperou a consciência entendeu que a vida na graça tem exigências maiores do que a mediocridade da vida que levava até ali. Percebeu os mundanismos em si mesmo que o impediam de dar-se todo a Deus. Não cometia pecados mortais, lutava contra os pecados veniais, tinha uma firme vida de oração e já fazia certa penitência. Havia renunciado a muitas coisas, mas não a tudo e tinha consciência disso: gostava de certa pompa da realeza, amava os prazeres da mesa, brincava mais do que devia (LANCASTER, 2019, p. 219).

Seu amigo de longa data e biógrafo, Joinville, relata a mudança que a cruzada teve na vida do rei: “depois que voltou de além-mar, viveu tão devotamente que nunca mais desde então vestiu peles de esquilo. Era tão sóbrio no comer. Não mais encontrava prazer nas coisas criadas. As coisas que antes tanto lhe agradavam não mais lhe traziam

gosto” (LANCASTER, 2019, p. 223). Doravante já vivia uma vida virtuosa, buscando se aprofundar no amor de Cristo desde a juventude, como diz seu confessor Geoffroy de Beaulieu: “por trinta anos, ouvi suas confissões gerais tantas vezes. Para a honra de Deus, afirmo que em toda a sua vida ele nunca cometeu, conscientemente, um único pecado mortal” (LANCASTER, 2019, p. 228).

Quantos se afanam no trabalho físico e intelectual para alcançarem a fortuna, mas não passam de uns preguiçosos e covardes quando se trata do trabalho para a virtude. Às vezes, preferimos passar longas horas numa ocupação fatigante do que meia hora a fazer uma oração bem-feita, a assistir à Missa, ou a rezar o ofício (CHAUTARD, 2015, p. 23-24).

Em se tratando dos exercícios espirituais realizados pelo rei, se percebe que não era um compromisso fatigante, algo forçado, mas uma necessidade de sua alma.

Os homens chamados para transmitir às almas a vida divina devem, considerar-se como simples canais, por onde há de circular essa vida, que eles só poderão receber da única fonte, que é Jesus. Grosseiro erro teológico deixaria transparecer o apóstolo que ignorasse estes princípios e julgasse poder produzir o menor vestígio de vida sobrenatural, sem a haurir, unicamente em Jesus (CHAUTARD, 2015, p. 12).

Primeiro ele buscava na fonte, se embebia e se deixava ser conduzido pelo Espírito Santo, para só então sair e proclamar o Evangelho também com palavras, mas antes com sua vida.

A oração de São Luís era antes de tudo litúrgica. Ele amava o carisma dos monges brancos de São Bernardo de Claraval, foi inserido na vida de oração por sua mãe Branca de Castela, mulher de espírito cisterciense, que lhe ensinou a recitar o Ofício Divino. Essa sucessão de orações do Ofício visa manter o fiel sob constante estado de vigília. Mesmo no cativeiro, não deixou de cantar as horas canônicas. Levantava-se a meia noite para cantar as matinas com os clérigos. Depois, permanecia junto à sua cama, rezando em silêncio. Logo, acordava para cantarem juntos as laudes. Durante o dia ia à Capela Real para recitar a sexta e a noa. Caída a noite, rezava as vésperas. Após o jantar, cantava a Salve Regina (LANCASTER, 2019, p. 229).

A vida de oração custa, exige renúncias, mas quando feita por amor, tudo se suporta. E mais, com o passar do tempo se torna uma necessidade da alma, onde o amado quer sempre estar em constante união com o amor.

Não costumava dormir muito. Interrompia várias vezes o sono para se unir ao Senhor em oração. Por vezes, ia rezar durante a madrugada. Mesmo que não percebesse a passagem do tempo enquanto estava em contemplação, seu corpo e mente reclamavam, fatigados e enfraquecidos. Além do Ofício Divino, São Luís gostava de ouvir diariamente a entoação do Ofício de Nossa Senhora. Os êxtases místicos eram frequentes. Sua saúde frágil se abatia constantemente com doenças, transformava seu quarto então, em capela. Sua vida tornara-se uma oração constante. Verdadeiro místico (LANCASTER, 2019, p. 231).

Um rei, assim como um pai, deve dar o exemplo, deve se gastar pelo cuidado daqueles que estão sob sua responsabilidade, deve aprender acima de tudo a orientar os seus no caminho seguro, concreto e belo da salvação herdada por Jesus e doada à sua Igreja

Luís tinha a consciência de ser o principal intercessor de seu povo junto de Deus. Ele não era um santo porque rezava muito tempo, mas porque muito amava. O tempo em que São Luís despndia rezando era reflexo não de uma obrigação, mas do muito amor que brotava do coração do rei pelo Deus que ele amava acima de tudo. A Missa era o ponto alto do seu dia. Se confessava ao menos semanalmente. Jejuava todas as sextas feiras, mas também nas segundas, quartas e sábados. Se abstinha de comer carne nas sextas. Com sua esposa, a rainha, o casal se abstiveram de relações carnis durante toda o Advento e toda a Quaresma. Evitava rir nas sextas feiras, em honra da Paixão do Senhor. Para mortificar a busca natural do seu corpo pelo conforto, substituiu sua cama real por tábuas. Gostava de estudar livros escritos por santos e atestados pela Igreja (LANCASTER, 2019, p. 233-249).

Parece muito algo extraordinário, reservado aos poucos escolhidos. Nada disso. Para que a vida ativa possa dar os frutos, a alma precisa antes, de certos “meios” a fim de colocar em prática o que recebeu, que são adquiridos através de: “atos meritórios (virtude, trabalho, sofrimentos, oração, Missa) e pelos sacramentos, sobretudo a Eucaristia” (CHAUTARD, 2015, p. 15). Luís trilhou o caminho ordinário, simples, destinado a todos, mas que exige muito, apoiado sempre na Graça, isto é verdade, e é por esta razão que tão poucos aderem tal forma de vida, porque custa.

A vida terrena de Nosso Senhor Jesus Cristo foi a realização perfeita do plano divino. Trinta anos de recolhimento, seguidos de quarenta dias de retiro e penitência, prepararam a sua curta carreira evangélica; e durante as suas jornadas apostólicas, quantas vezes ainda, O vemos retirar-se para as montanhas ou para os desertos, a fim de orar (CHAUTARD, 2015, p. 35).

Pois bem, São Luís cumpriu essa orientação de maneira esplêndida. “Um dicionário conhecido da língua francesa, o Le Robert Quotidien define a ascética como uma disciplina que alguém se impõe ao aspirar à perfeição moral ou ao tentar conhecer melhor o domínio da religião ou do mundo espiritual em geral” (Van Dijk, 2019, p. 39). A Sagrada Escritura diz que se deve “orar sem cessar” (1Ts 5, 17), isto não significa que o homem deve abandonar tudo e viver rezando. Nem mesmo os monges fazem isso, eles além da oração também precisam trabalhar e estudar. O que seria então rezar sem cessar? Poderia ser traduzido como rezar vivendo, ou seja, sobrenaturalizar toda e qualquer ação ao longo do dia, com ordem, sacrifícios e renúncias, elevando a Deus os pensamentos e ações e fazendo tudo para a maior glória Dele, foi isso que São João Dom Bosco ensinou: “caminhai na Terra com os pés, mas estejai com o corações no Céu” (YOUCAT, 2011, p. 42) e que é retratado na Divina Escritura: “Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus” (1Cor 10, 31). Esta foi a maior qualidade de Luís, configurar toda a sua vida ao Senhor, sem descuidar das suas obrigações e afazeres.

Mas por qual motivo é necessário viver assim? Por que São Luís gastou seus dias nesta empreitada, à base de oração, de penitências, vivendo uma vida totalmente mortificada? Não seria melhor se preocupar com as recompensas terrenas, com os afazeres do ofício, com as vantagens de um monarca, com uma vida luxuosa, tranquila e prazerosa e se desse, de vez em quando, se voltaria à vida espiritual, ou pior, até mesmo deixar de lado os assuntos da fé para viver uma vida mais “livre” neste mundo?

Certo que é necessário e suficiente morrer em estado de graça para ser salvo; parece, pois, que não haverá para os fiéis outra obrigação estrita mais que a de conservar o estado de graça. Mas, precisamente, a questão é saber se pode alguém conservar por tempo notável o estado de graça, sem se esforçar para fazer progressos. No estado de natureza decaída, ninguém pode permanecer muito tempo no estado de graça, sem fazer esforços para progredir na vida espiritual (TANQUEREY, 2017, p. 205).

E para alcançar a perfeição têm-se:

os meios que nos aproximam do fim que pretendemos atingir: o desejo da perfeição; o conhecimento de Deus e de nós mesmos; a conformidade com a vontade divina; a oração; a direção espiritual; o regulamento de vida; as

conferências, leituras ou exortações espirituais; a santificação das relações sociais (TANQUEREY, 2017, p. 233).

Certo de que nesta vida, quanto mais nos aproximarmos do Senhor mais nossa maneira de viver deverá ser sobrenaturalizada, chega um ponto que o cristão não busca mais apenas ser salvo, mas em se conformar totalmente à Vontade Dele, em ser perfeito, pois o próprio Jesus nos exorta: “Sede, portanto, perfeitos como vosso Pai do céu é perfeito” (Mt 5, 48). Luís IX, mais do que ocupar o lugar de um monarca, era consciente da sua filiação, à quem ele pertencia. Teve um encontro pessoal com Cristo que determinou toda a sua existência, por isso fez o que fez amparado sempre na Graça.

APOSTOLADO

O catecismo retrata o apostolado dos leigos como um dever “trabalhar para que a mensagem divina da salvação seja conhecida e recebida por todos os homens e por toda a terra” (CIC, nº 900). Mas o que seria apostolado? Seria necessário se dedicar inteiramente às obras e colocar em segundo plano a vida de oração, para que as pessoas possam conhecer cada vez mais a Cristo através de pregações, retiros, eventos, como se percebe cada vez mais atualmente, para então mudarem finalmente de vida?

Se levarmos em conta que a obra é de Deus ‘opus Dei’ e é o Espírito Santo quem convence as pessoas, podemos recorrer a famosa frase de Santa Bernadette Soubirous após as aparições de Nossa Senhora em Lourdes, quando diz: “Eu sou a encarregada de contar, não de fazer você acreditar”. O “papa Leão XIII afirma: ‘É por meio do homem que o homem deve conhecer o caminho da salvação’. Contudo, o seu apostolado só será eficaz na medida em que possua essa vida sobrenatural interior, de que Vós sois o princípio supremo, e Jesus Cristo a fonte” (CHAUTARD, 2015, p. 8-9).

Fato é que as obras precisam ser colocadas em prática, antes, elas devem decorrer de uma intensa vida de oração, como o afluir de um coração preenchido por aquilo que foi recebido por infusão do Espírito Santo em recolhimento; assim, o apostolado deve surgir de uma alma embriagada do amor divino. Caso contrário, grande seria a possibilidade de estar divulgando sua vaidade, seus caprichos e não a verdadeira Palavra do Senhor.

A necessidade da vida interior não deve desviar das obras apostólicas as almas generosas, fazendo-as desertar do campo de batalha, com o pretexto de chegar a uma união mais perfeita com Deus. Apressamo-nos a afirmar que consagrar-se alguém à conversão das almas, esquecendo-se de si mesmo, origina uma ilusão mais grave; Jesus teve 30 anos de recolhimento, seguidos de 40 dias de retiro e penitência, isso prepararam a sua curta carreira evangélica e durante suas jornadas apostólicas quantas vezes ainda, O vemos retirar-se para as montanhas e para os desertos, a fim de orar (CHAUTARD, 2015, p. 32-35).

E muitos com o pressuposto de estarem evangelizando, de estarem servindo à Cristo na sua Igreja, são levados pelo “êxito”, pela emoção da propagação da Palavra e esquecendo do principal, de estarem cada vez mais unidos ao Senhor, com um coração reto, uma vida ordenada, uma alma despojada e uma vontade submissa à Providência Divina.

Oportuno agora é o exemplo de Marta e Maria na Sagrada Escritura (Lc 10, 38), São Gregório Magno diz: “em Maria está expressa a vida contemplativa; em Marta está representada a vida ativa. Os cuidados de Marta não sofrem repreensão, os de Maria, porém, recebem louvor: porque são grandes os méritos da vida ativa, mas preferíveis os da contemplativa” (AQUINO, 2020, p. 350). Não representa aqui a orientação da Igreja quando pessoas mal informadas afirmam que a vida de oração é desperdício de tempo ou enganação ou até algo secundário, chegando a lançarem críticas àqueles que se reclusam em mosteiros pelo mundo afora; também não é manifesto da Igreja dizer que a vida de apostolado é algo para quem não conhece o essencial ou que não tenha tamanha importância. “A vida interior não seria vida cristã se ficasse encapsulada no íntimo da alma, como num refúgio egoísta. A autêntica vida interior é como o fogo de uma lareira espiritual, que aquece e dá sentido divino à vida inteira” (FAUS, 2017, p. 181). A vida ativa e a contemplativa são de suma importância, ambas têm grande eficácia, principalmente se estiverem em união com a Igreja e em estado de Graça. Porém, a vida ativa não pode ser nunca princípio, ela deve decorrer da vida contemplativa. Entretanto, esta não pode ser estéril, ficar reclusa em si, ela deve frutificar e gerar ações evangélicas. Assim, se percebe que a vida ativa e a contemplativa estão sempre unidas, como deve ser em qualquer atividade apostólica, e com qualquer católico que se preze.

O santo rei Luís IX encontrava, nas oito ou nove horas que habitualmente consagrava aos exercícios da vida interior, o segredo e a força para se dedicar aos negócios de Estado e ao bem dos seus súditos com tanta solicitude que

nunca em França se fez tanto a favor das classes operárias como sob o reinado daquele príncipe (CHAUTARD, 2015, p. 26).

No Evangelho de Marcos, Jesus diz claramente: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16,15). Seria isso então uma contradição? Se deve priorizar a evangelização ante a oração? Não, pelo contrário, e isto São Josemaría Escrivá ensina ao mostrar que é necessário tornar a vida em uma oração constante: “Trabalhemos, e trabalhem muito e bem, sem esquecer que a nossa melhor arma é a oração. Por isso, não me canso de repetir que temos que ser almas contemplativas no meio do mundo, que procuram converter o seu trabalho em oração” (ESCRIVÁ, 1987, nº 497). Aqui está o segredo do verdadeiro êxito das obras apostólicas, das almas cheias do Espírito, das longínquas Ordens Religiosas que permaneceram fiéis aos seus carismas no decurso do tempo: a fidelidade à vida de oração e a conformidade da alma à Vontade Divina.

O homem que ao encontrar-se com seu Criador, desperta a necessidade de mostrar aos outros este amor que tanto buscou e agora encontrou, ou melhor, por quem o homem foi encontrado, “mantive-me à disposição das pessoas que não me consultavam, ofereci-me àqueles que não me procuravam” (Is 65,1), começa a viver diferente.

Luís IX, animado pelo exemplo de São Francisco de Assis e assim por vezes era mencionado como o “São Francisco leigo”, voltado ao desejo de salvar as almas unicamente, buscou “alimentar os pobres, comer com os leprosos, confortar os sofredores” (LANCASTER, 2019, p. 273, 282). Seu desejo de estar sempre auxiliando os mais desfavorecidos era admirável. Chegou ao ponto de em plena Cruzada se lançar a “recolher ao longo de cinco dias, os restos mortais de três mil corpos em decomposição” (LANCASTER, 2019, p. 289).

Não parava por aí, sua vida estava totalmente conformada a vontade de Deus que seu existir, era literalmente para servir os mais pobres dos pobres: “vendo um leproso, atravessou a rua, lhe deu uma esmola, se curvou e beijou sua mão; se encarregava pessoalmente de alimentar os pobres no advento e na quaresma no Palácio Real” (LANCASTER, 2019, p. 292, 293).

Se levar em conta de que ele era um rei de fato poderosíssimo, seu comportamento é para se estranhar, pois o modelo comum de realeza é a autoexclusão do nobre frente ao restante do reino, mas para Luís, o modelo é Cristo que se fez pobre pela humanidade, por isso “desembolsava grandes quantias e enviava fundos para os locais afetados em momentos de fome generalizada” (LANCASTER, 2019, p. 296), se doando por inteiro para o cuidado e zelo da Igreja “despendeu somas e mais somas de dinheiro entregando abadias, conventos, mosteiros, escolas, hospitais e casas de caridade à Igreja; não se dedicava apenas a fundar casas religiosas e a fazer doações, despendia também imensas somas a todos os gêneros de necessitados; na Terra Santa, a forma com que lidava com os sarracenos impulsionou muitos deles à conversão ao Cristianismo” (LANCASTER, 2019, p. 298, 299, 308).

Além de tudo era fiel aqueles que lhe serviam, tendo uma alta sensibilidade pelas mazelas que os familiares dos seus sofriam, “trabalhava com os monges e com seus soldados, carregando pedras e terra; as famílias dos soldados da sétima cruzada que haviam caído na miséria após a guerra santa, as sustentava” (LANCASTER, 2019, p. 292, 295).

Foi um homem totalmente entregue ao cuidado do próximo, independente de quem era, e em alguns casos, este próximo eram os próprios inimigos da Igreja, os muçulmanos, e mesmo assim se comportava de maneira louvável pelo fato de que neles se encontrava com o próprio Cristo. Sua atitude como Rei, consternava os súditos, como cristão leigo, atribulava os clérigos e como filho de Deus, exaltava o nome de Jesus em todas as suas decisões. São Luís viveu os mandatos da pobreza espiritual, da vida de oração e das obras de caridade com perfeição, ao extremo, sempre amparado pela graça. “As obras imensas levadas a cabo por tantos santos, causam-nos assombro. Este assombro cresce quando vemos esses homens, apesar dos trabalhos incessantes, das preocupações, da falta de saúde, manterem-se na mais constante união com Deus” (CHAUTARD, 2015, p. 26).

Por fim, cabe ressaltar uma das obras apostólicas, caritativas, de cunho extraordinário, que São Luís realizou: as Cruzadas. Estas, segundo Riley-Smith, foram “travadas contra aqueles percebidos como inimigos externos ou internos da cristandade, a fim de recuperar propriedades cristãs ou defender a Igreja e o povo cristão”

(WEIDENKOPF, 2022, p. 39). As Cruzadas de São Luís foram duas, a Sétima e a Oitava, mas apenas a primeira será brevemente descrita.

A fim de recuperar Jerusalém “na quinta feira, celebrou-se uma missa no navio do rei. Os cristãos se prepararam para o desembarque e para a batalha, marcados para o dia 06 de junho de 1249” (LANCASTER, 2019, p. 174). Se percebe que na vida de todos os santos da Igreja, e não foi diferente na vida do rei São Luís IX, o Santo Sacrifício vivido na Santa Missa ocupa o auge de toda sua existência, algo que hoje, não se pode afirmar com a mesma certeza, que outrora habitava no mais profundo do ser:

a vida Eucarística não pode adaptar-se às exigências da civilização moderna, e a vida interior que promana da vida Eucarística já passou da moda. A comunhão perdeu o sentido que teve para os primeiros cristãos. Acreditam na Eucaristia, mas não a consideram o centro da sua vida (CHAUTARD, 2015, p. 21).

Já no final, na batalha de Fariskur, “milhares de cruzados foram mortos, Luís foi capturado, acorrentado e levado como prisioneiro para Mansurá” (LANCASTER, 2019, p. 180). Ali começou seu calvário. Enfermo, debilitado pela doença que lhe tinha acometido antes do cativo, continua a viver como testemunha viva do Evangelho, e mais, poder-se-ia dizer que foi justamente neste período, em que esteve detido, que mais glorificou a Deus, aceitando tudo e confiando de forma total na Providência Divina. “O curto mês de cativo sob os muçulmanos egípcios foi o mais decisivo e essencial. Nele sua fé seria provada de todas as maneiras, sua paciência experimentada pelas piores adversidades e sua vontade fortalecida até o quase martírio” (LANCASTER, 2019, p. 181).

São Francisco de Sales bem dizia: “não procuramos as consolações, mas o Consolador” (SALES, 2012, p. 324). As Cruzadas de São Luís tinham antes da retomada e defesa das terras e do povo cristão, o intuito de conversão e salvação das almas dos infieis (lei Universal da Igreja), como bem descrito na conversa entre o rei e o sultão:

o sultão então perguntou: ‘E que é, senhor rei, que desejas de forma tão ardente?’ – Continuou Luís: ‘É vossa alma, continuou o rei, que o diabo quer precipitar no abismo. Mas nunca, graças a Jesus Cristo, que quer que todas as almas sejam salvas, chegará o momento em que satanas poderá se glorificar por tão bela presa. O Altíssimo sabe disso, Ele nada ignora: se todo este mundo visível fosse meu, eu o daria inteirinho em troca da salvação das almas (LANCASTER, 2019, p. 181).

CONCLUSÃO

Os santos encontraram e se entregaram ao Amor de Deus de forma magnífica e em consequência disso, amparados pela Graça deixaram marcas por onde passaram através das obras, mas principalmente pela sua forma de encarar o mundo. A vida deles causa tanta admiração, mesmo séculos após a morte, justamente porque conseguiram alcançar o que todo ser humano busca no seu mais íntimo, a Verdadeira Paz.

O rei São Luís IX através de uma intensa vida de oração, de caridade, de despojamento de si, viveu para que o homem pudesse se encontrar com Cristo. Como uma vela que se queima para que outros tenham a luz, ele buscava forças nos momentos que passava recluso, em silêncio, afastado de todos, para se unir ao Criador. Feito isso, não só a França, mas toda uma cristandade foi beneficiada pelo sim que um simples homem deu ao seu Senhor. Sua vida é como um puxão de orelhas àqueles que descuidam das suas obrigações primárias sejam elas familiares (aos pais e mães de família), religiosas (aos consagrados de forma mais íntima à Cristo), civis (aos solteiros que vivem no mundo) com o pressuposto de estarem atribulados talvez com atividades importantes, porém secundárias e que buscam mais satisfazer suas paixões do que cumprir com o dever; também àqueles que dizem não ter tempo para rezar bem, ou que não ajudam a Igreja nas obras apostólicas, pois os afazeres do mundo ou afazeres que seguem sua vontade, ocupam uma boa parte, se não toda, dos seus dias.

Santo Tomás de Aquino na Suma Teológica diz: “o homem está colocado entre as coisas deste mundo e os bens espirituais, nos quais reside a felicidade eterna. Quanto mais adere a uns, tanto mais se afasta dos outros, e vice-versa” (AQUINO, 2010, 1a, 2ae, q. 108, a.4, p. 832). É necessário fazer uma escolha, de forma urgente, a fim de colocar Deus acima de tudo, até mesmo do seu bem-estar, da sua família, da sua própria vida, caso contrário, irá buscar uma vida confortável neste mundo e se afastar do que é essencial, a união com Cristo. Isso significa que o conforto pode vir acompanhado da união com Deus? Claro, mas é uma exceção, neste mundo estamos para servir e trabalhar pelo reino. Os resultados dessa decisão? Os santos mostram o que Deus pode fazer através deles já que para descansar, se tem uma eternidade toda a espera.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 1. ed. SP: Paulus, 1984.
- AQUINO, Santo Tomás. **Catena Aurea. Exposição Contínua sobre os Evangelhos. Vol.3: Evangelho de São Lucas**. 1. ed. SP: Ecclesiae, 2020.
- AQUINO, Santo Tomás. **Suma Teológica**. 2. ed. SP: Loyola, 2010.
- BALLESTER, Jesús. **São João da Cruz. Noite Escura Lida Hoje**. 1. ed. SP: Paulus, 1993.
- CHAUTARD, Jean Baptiste. **A Alma de Todo Apostolado**. 2. ed. SP: Artpress, 2015.
- CORIASCO, Franz. **25 Minutos. A Vida de Chiara Luce Badano**. 1. ed. SP: Cidade Nova, 2013.
- Catecismo da Igreja Católica**. 1. ed. SP: Loyola, 2000.
- D'AVILA, Santa Teresa. **Caminho de Perfeição**. 1. Ed. RS: Biblioteca Católica, 2018.
- ESCRIVÁ, Josemaría. **Sulco**. 1. ed. SP: Quadrante, 1987.
- ESCRIVÁ, Josemaría. **Caminho**. 10. ed. SP: Quadrante, 2015.
- FAUS, Francisco. **Para Estar com Deus**. 3. ed. SP: Cultor de Livros, 2017.
- LANCASTER, Lucas. **São Luís, o Rei da Coroa de Espinhos**. 1. ed. BH: Instituto São Pedro Alcântara, 2019.
- NAPIÓRKOWSKI, Stanislaw. **Introdução À Teologia**. 1. ed. GO: Diocese de Anápolis, 2009.
- SALES, São Francisco. **Filoteia**. 6. ed. RJ: Vozes, 2012.
- SCHOKEL, Luís Alonso. **Bíblia do Peregrino**. 3. ed. SP: Paulus, 2017.
- SCUPOLI, Lorenzo. **O Combate Espiritual e o Caminho do Paraíso**. 1. ed. SP: Santa Cruz, 2019.
- TANQUEREY, Adolphe. **Compêndio de Teologia Ascética e Mística**. 1. ed. SP: Cultor de Livros, 2017.
- TROCHU, Francis. **O Santo Cura D'Ars**. 1. ed. RS: Minha Biblioteca Católica, 2018.
- TROISI, Simone. **Nascemos e Jamais Morreremos, a História de Chiara Corbella Petrillo**. 3. ed. SP: Cultor de Livros, 2018.
- VAN DIJK, Humberto. **O meu anjo e eu: Sete degraus para caminhar com o Anjo da Guarda**. 2. ed. SP: Mosteiro Belém, 2019.
- WEIDENKOPF, Steve. **A Glória das Cruzadas**. 1. ed. RS: Minha Biblioteca Católica,

2022.

Youcat. 1. ed. SP: Paulus, 2011.

Congregação para a doutrina da fé. Instrução Donum Veritatis. Sobre a vocação eclesial do teólogo. Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19900524_theologian-vocation_po.html Acessado em 16/10/2025.

Comissão teológica internacional. Teologia hoje: perspectivas, princípios e critérios.

Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_doc_20111129_teologia-oggi_po.html Acessado em 16/10/2025.

Bernadette Soubirous.

Disponível em:

<https://www.lourdes-france.com/pt-br/vida-de-santa-bernadette-soubirous/> Acessado em 20/10/2025.